

FACETAS DA HISTORIOGRAFIA KAINGÁNG: ENTREVISTA COM ÍTALA IRENE BASILE BECKER¹

Breno Antônio Sponchiado²

INTRODUÇÃO

A profa. Ítala Becker à época da entrevista trabalhava como pesquisadora no Instituto Anchieta de Pesquisa em São Leopoldo. A ampla e reconhecida bibliografia sobre os Kaingáng e outros grupos indígenas³, foi o que nos levou a visitar a historiadora nos tempos que éramos estudantes de Teologia, no Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo (ITEPA). Fomos gentilmente recebidos em sua sala no dia 18 de maio de 1992, momento em que Ítala nos oportunizou um diálogo que, consentido, foi gravado em áudio⁴. A transcrição da fala revela uma conversa um tanto informal, que desenrolou-se sem maior sistematização em torno de temáticas que à época chamavam nossa atenção diante da efervescente realidade daqueles indígenas, sobretudo no norte do Estado do Rio Grande do Sul, que desencadeavam movimentos de retomada de suas terras. A questão da inculturação, isto é, a possibilidade de haver contato entre pessoas de diferentes culturas sem a perda de suas identidades, estava na ordem do dia. Hoje nos defrontamos com esse desafio na área da educação, na alfabetização indígena... Dada a relevância que o tema ainda vem tomando nos meios acadêmicos e o profundo conhecimento da interlocutora, achamos por bem publicar o diálogo, apenas intercalando algumas notas que esclareçam melhor o leitor.

¹ Entrevista realizada em 1982 com a professora Ítala Becker pelo professor Breno Antônio Sponchiado.

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003).

³ BECKER, Ítala I. “O índio Kaingang e a colonização alemã”. In: *Simpósio de história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*, 2. Anais... São Leopoldo: Rotermund, 1974. *O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul*. Pesquisas – Antropologia, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 29, 1976.

⁴ O áudio da entrevista está sob a responsabilidade do professor Breno Antônio Sponchiado.

1. As polêmicas em torno do livro *Apontamentos de Alphonse Mabilde*

Breno A. Sponchiado – Quanto à obra *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul*, da autoria do engenheiro Belga, Alphonse Mabilde,⁵ é interessante observar que esta obra precisa ainda ser analisada do ponto de vista psicológico, antropológico e outros mais do autor, para ver quais foram seus condicionamentos que o levaram a escrever daquela forma sobre os referidos índios.

Profa. Ítala – Este trabalho que estamos analisando foi escrito por descendentes do Mabilde. Elas se basearam no diário do engenheiro Mabilde que segundo uns ele teria sido preso entre os Kaingáng, outros afirmam que foi pelo cacique. Este diário é manuscrito, com seiscentas e tantas páginas, onde ele escreve até nas entre linhas, ele escreve em todos os espaços possíveis. Mas segundo consta também, ele teria escrito este diário depois que ele se libertou. Este trabalho *Apontamentos...* é um trabalho organizado pelos descendentes dele como uma forma de homenagem. Eu quando usei o trabalho, procurei checar os dados, dentro das possibilidades, e colocar dentro de um ponto de vista bem antropológico, porque embora ele sendo preso, dos índios ou não-presos, ele era um demarcador de estradas, então ele tinha bastante contato com estes grupos. No meu livro, *O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul*⁶, eu coloco todos os aspectos. Acho válido vocês analisarem sob todos os pontos de vista, porque o trabalho dos descendentes é um trabalho mais de pró-memória, não divulgaram de outra maneira. Quando entramos em contato com elas [as descendentes de Mabilde] nós nos prontificamos reler o diário, organizar, publicar como um trabalho antropológico. Mas por questão de religião elas se negaram. Me deram todos os dados que foi possível e que eu solicitei e que tenho indicado no meu trabalho. Inclusive num outro trabalhinho que eu tenho aí sobre *O índio Kaingáng e a colonização Alemã*⁷, que foi um excerto feito por um Seminário sobre a

⁵MABILDE, Pierre François Alphonse Booth. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul*. IBRASA/Pró- Memória/INL, São Paulo, 1983.

⁶*O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul*. Instituto Anchieta de Pesquisas: São Leopoldo, 1979, Série Pesquisas, Antropologia n. 29. 264 p.

⁷BECKER, Ítala I. “O índio Kaingang e a colonização alemã”. In: *Simpósio de história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*, 2. Anais... São Leopoldo: Rotermund, 1974.

colonização alemã no RS, eu coloco alguns elementos inéditos que eu busquei na correspondência do Arquivo Público.

Breno A. Sponchiado – Também dá para perceber, pelo que Mabilde deixa transparecer, nos seus escritos, que ele é anticlerical, como também os seus descendentes - como ressalta a profa. Ítala - e antijesuíta. Ele critica toda a maneira como os jesuítas levaram a efeito tentativas de catequese. E parece que ele era positivista. Lá pelas tantas quando ele fala como devia ser a catequese, ele diz que devia ser baseado em fatos e nas ciências, o que da a entender que se trata mesmo de positivista, o que é possível porque nesta época dos escritos fim do século passado, já estava começando a aparecer esta corrente filosófica aqui no Estado, mormente com Júlio de Castilhos.

Profa. Ítala – Quanto à formação ideológica não temos condições de dizer por que não analisamos. Analisamos os dados como tais. Fizemos um trabalho no sentido de informar o que aconteceu com esses índios, como eles entraram em contato com o colonizador, e como foram feitas todas as negociações com eles no sentido de apaziguar ou de acalmar aquele momento de situação de contato, que eu uso justamente pra isso o trabalho de Darcy Ribeiro, sobre as faixas de contato⁸, como teriam sido os diferentes momentos. A parte de religião, que tu citas o Teschauer⁹, a gente coloca a fundação daqueles três aldeamentos (Nonoai, Guarita e Campo do Meio) por volta de 1843-1850. No meu modo de ver este aldeamento, foi um agrupamento de todos aqueles índios das diversas áreas, foi como que um pequeno império colonial, talvez daí nasça esta ideia de um império coroado.¹⁰ Fazendo uma comparação com a história, tu pegas qualquer um dos grandes impérios da história, tu vê o Império Romano... Eles não dão certo porque são grupos diferentes. Aí mesmo, sendo uma mesma etnia indígena, eles são liderados por caciques diferentes, então eles às vezes têm pontos de vista diferentes, têm divergências entre eles, então foram todos agrupados em três áreas e por isso eu acredito que não tenha dado certo, e depois tiveram que ser desmembrados. Mas foi a atitude que o Governo,

⁸RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a Civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁹TESCHAUER, Carlos. *Porandubariograndense*. Porto Alegre: Globo, 1929.

¹⁰ Refere-se à obra: MENDES, Nicolau. *O império dos coroados* – relato histórico. Edição do “35”- Centro de Tradições Gaúchas – Ronda Crioula de 1954 – Porto Alegre.

usando da Igreja, pode-se dizer assim, resolveu sanar um pouco aquela situação, retirando estes índios dessas áreas de colonização e agrupando naquele canto, se bem que já tinham passado 25 anos, porque a colonização [alemã] foi em 1824.

Breno A. Sponchiado – Outra coisa que podemos perguntar é se o Mabilde teve contato apenas com os índios do cacique Braga e Doble, da região de Vacaria, e talvez nem tenha conhecido os outros toldos de Nonoai, Guarita. Porque parece que ele teve contato com este grupo que era marcadamente bélico, bastante agressivo. O que não dá para dizer dos outros grupos que eram pacíficos, como por exemplo, o grupo do cacique Nonoai que sempre agiu de forma pacífica no contato com os brancos. Então, quem sabe, Mabilde fala apenas dos índios Coroados daquela região [Vacaria] e não de todas?

Profa. Ítala – O Mabilde como demarcador de estrada, ele faz um traçado que vem desde o Rio Uruguai, o passo do Pontão até o Vale do Caí. E do Caí esta estrada teria uma continuidade até Porto Alegre. Nessa área é que Mabilde entra. E dentro deste trabalhinho *O índio e a Colonização Alemã no RS* se pode ver a área de atuação do Coronel Mabilde, com que grupos indígenas ele entra em contato realmente. Eu gostaria que tu tivesses o cuidado de esclarecer neste trabalho, o uso da palavra “Coroado” que eles usam. O grupo é Kaingáng. O Mabilde chama Coroado, outros autores chamam Coroados, e eu estou vendo que o mesmo problema que está acontecendo no Paraná. Eu recém estou começando a pesquisar o Paraná,¹¹ então eles colocam “índios da nação Coroados”, enquanto “coroados” seria um apelido deles e em algumas áreas é o apelido pejorativo. Mabilde sempre chama Coroados, quando eles seriam os descendentes dos antigos Guaianás, que pertenceriam ao grupo *Gê*.

¹¹ Posteriormente publicou em parceria: BECKER, Ítala Irene B.; LAROQUE, Luís Fernando da Silva. *O Índio Kaingáng no Paraná: subsídios para uma Etno-história*. São Leopoldo: ed. Unisinos, 1999.

2. A presença Kaingáng no RS e os seus contatos Inter étnicos

Breno A. Sponchiado – Aqui me parece que tocas numa questão bastante importante e que é pano para muita manga. A Sra. também é arqueóloga.¹² Pelos estudos da arqueologia e históricos, foi possível ver se de fato o grupo Kaingáng é originário aqui do Rio Grande do Sul ou desde que época é que ele está aí presente? Ou, como alguns dizem, teria imigrado no início do século XIX do centro do país pra o Rio Grande do Sul?

Profa. Ítala – Através de escavações de casas subterrâneas que se atribuem a este grupo Kaingáng, ou antigo Guaianá ou Grupo linguístico *Gê*, nós temos datações do século V d.C. e viemos com datações até o século XVIII e principiando século XIX no Estado, na área de Caxias do Sul, Santa Lúcia do Piaí; acima do Vale do Caí estão as casas subterrâneas. No meu trabalho eu coloco os Kaingáng do RS, SC e PR e SP, depois eles têm uma outra área que entram no Mato Grosso; extrapolando o Brasil nós temos nas zona de Misiones, Argentina. Quer dizer que eles são autóctones desta área desde pelo menos século V d.C. Esta história de que eles teriam entrado no século XIX não é verdade. Alguns grupos migram em determinados momentos, mas a arqueologia nos dá como primeiras datas o sec. V depois de Cristo. Eu não lembro se em números bem precisos eram 420 ou 425 d. C. Depois nós temos datas bem mais recentes: mil setecentos e pouco, fim do século XVIII, que elas vão empatar justamente com informações etno-históricas que o próprio Mabilde nos dá.

Breno A. Sponchiado – Esta faceta que sobressai nos escritos de que impera no caráter do Kaingáng um certo caráter bélico, pelo menos Mabilde se esmera em falar disso, que são agressivos, hostis, guerreiros, vingativos... E, como a Sra. diz, são diversos grupos, que parecem que entre eles nem sempre reinava uma amizade.

Profa. Ítala – Eles são grupos que interagem por razões da própria economia, em função da própria estrutura econômica é que eles têm áreas delimitadas. Então às vezes há, como em todo o grupo humano, desentendimentos. Tem que olhar o índio do ponto de vista

¹² Entre outras publicações na arqueologia, vemos: BECKER, Ítala Irene B.. “O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul”. *Pré-história do Rio Grande do Sul*, Documentos 05. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1991.p.133-159

dele. Eu penso assim - não sou indigenista, não sou nem defensora nem acusadora de índio - mas sei que todo o elemento incomodado reage de uma maneira ou outra. Quer dizer: os Kaingáng estão dentro de suas terras, tranquilos e vem alguém para desalojá-los, eles, lógico, reagirão dentro das suas possibilidades. Agora, que ele seja um caráter essencialmente agressivo, depende da maneira de olhar, depende do ponto de vista em que tu olhas. Por isso tu tem que se eximir de qualquer preconceito e olhar. A cultura é esta. Então eu procuro sempre nos meus trabalhos mostrar a cultura original, eu estou muito tranquila aqui, agora tu vens me espezinhar eu me defendo também. Não vou dizer que o índio era um santinho, não era. Mas toda pessoa perturbada no que é seu ela tenta reagir de uma maneira ou de outra. Não vou entrar no outro problema político porque eu não posso entrar. Na política existem muitos estudiosos especializados na área. Eu procuro ver a cultura como ela é e como ela funcionava. Assim eu fiz também com Charrua e Minuano¹³, não deixo de me meter na parte da política, por que é uma política de colonização, agora se está certa ou errada não sei. Eu analiso como fato histórico.

3. A resistência do Kaingáng à sua redução

Breno A. Sponchiado - A professora acabou de falar de Charruas e Minuanos que estão extintos. Como se explica que estes povos que de certa forma eram “superiores” ao estágio dos Kaingáng foram assimilados pela cultura envolvente, enquanto que os Kaingáng estão aí sobreviventes e dando sinais de revitalização e que vão ter um futuro muito grande pela frente?

Profa. Ítala – Primeiramente tem que ver que são duas culturas totalmente diferentes. Os Kaingáng são coletores de planalto, pequenos caçadores, pequenos agricultores. Os Charrua e Minuano são índios de campo. Inicialmente eles são caçadores de espécies nativas, depois eles passam a caçar o gado alçado e depois quando o gado se prolifera em função das Missões eles são criadores de gado. Os Charrua se exterminam - digamos assim - porque eles entram em todo o processo de colonização da antiga banda oriental, que é o Pampa gaúcho. Então eles têm

¹³BECKER, Ítala . *El índio y la colonización – charruas y minuanes*. Instituto Anchietano de Pesquisas. São Leopoldo, 1982.

300 anos de luta entre forças portuguesas e espanholas e eles se extinguem justamente em combates. Eles não se submetem a Aldeamentos. São muito raras as tentativas de aldeamentos no sentido de missões, que deu menos resultado do que os Kaingang do Planalto. Já nos Guarani eles se deixam aldear, se deixam missionar e você conhece muito bem a história do índio Guarani. Quero dizer que são três culturas totalmente diferentes. O Kaingáng não se submete, ele participa de certos movimentos, mas sempre um tanto na retaguarda, defendendo os interesses dele. Ao passo que o Charrua-Minuano se lança como elemento ativo, ora para as forças espanholas, ora para as portuguesas. É quase como que um soldado a serviço destas duas Coroas. E com isso ele vai sendo exterminado. Quando no final, quando se dá a independência do Uruguai e mesmo a nossa e não se precisa mais de índio como força de combate, eles são exterminados sumariamente.

Breno A. Sponchiado – É interessante. Podemos concluir que o Kaingang usou de uma estratégia: diante do inimigo mais forte ele aceita temporariamente o domínio, mas como maneira de evitar o pior?

Profa. Ítala – Exatamente. Tu podes ver a citação de Mabilde que fala que num sepultamento, quando eles [Kaingáng] admitem que se coloque a cruz como símbolo cristão. E depois todos os dias eles vão visitar o túmulo. E quando [Mabilde] vai ver o sepultamento não tem mais a cruz, tem uma arvorezinha plantada aí. Quer dizer: no momento ele aceita, fica em cima do muro – que é uma corrente muito em voga – mas ele tem certos valores da cultura dele e inalteráveis ainda hoje. Já os outros grupos se submetem e desaparecem.

Breno A. Sponchiado – Hoje a Igreja Católica se defronta com um grande desafio: partindo de que deve levar a Boa Nova do Evangelho a todos, como fazer esta evangelização inculturada?

Profa. Ítala – O Pe. Meliá parece que está fazendo isso, em Miraguaí.¹⁴

¹⁴Bartomeu Meliá é um padre jesuíta, antropólogo, estudioso da língua e da cultura guarani. Ao longo da sua vida, no Brasil e no Paraguai, tem estabelecido uma relação próxima com os Mbyá-Guarani, Avá-Guarani, Pai-tavyterã, Enawene-nawé. Foi assessor da Pastoral Indígena na Diocese de Frederico Westphalen, tomando contato com o povo Kaingang, fixando-se na Paróquia de Miraguaí, dirigida pelos padres jesuítas. Em conversa com Pe. Meliá, disse-me que nunca conseguira pousar em uma casa de Kaingáng, demonstrando a dificuldade de maior

Breno A. Sponchiado – Porém, ele está restrito ao índio Guarani.

Profa. Ítala – A religião, de uma maneira ou outra, foi imposta. Tu vês antropofagia, ritual de casamento, todos aqueles valores do índio foram colocados pela religião como errados e para os índios eram certos. Está se tentando corrigir isso. Há um interesse em levar uma religião para o índio, mas não tirando toda a crença dele e inserindo outra, porque isso seria um aviltamento da própria cultura.

4. Religiosidade e catequização

Breno A. Sponchiado – Pe. Meliá nos declarou que, sobre o Kaingáng não tinha muitas informações em termos de conhecimento de sua religião... O Kaingáng é muito precavido nestas coisas, não fala. Disse-me também que entre o Guarani e o Kaingáng há uma diferença enorme. Toda nossa historiografia diz que o Kaingáng não é religioso, não tem nem sequer manifestação religiosa. Evidente que não perceberam estas manifestações. E aí está o nosso desafio...

Profa. Ítala – Eu não acredito que o índio Kaingáng não tenha uma manifestação religiosa. Tu vês o culto relacionado aos mortos. Dá a impressão ate que ele tem uma crença na imortalidade, ou é mesmo uma reencarnação... Não existe crença de clamar ao Deus deles como o nosso. Quer dizer, eles têm outras manifestações de religiosidade que eu acho que são bem

aproximação com este povo, ao contrário dos Guarani, de quem obtive íntima aceitação. Esta faceta ele mesmo reitera em uma entrevista, “Com os Kaingang foi um fracasso, um pouco pela indefinição do meu trabalho, pois eu era oficialmente o Coordenador da Pastoral Indígena, portanto, minha entrada lá sempre esteve marcada por este fato. Tentei aprender a língua deles e não consegui. Além disso, houve uma guerra lá, morreram 5 pessoas e a situação interna deles interrompeu o processo de aprendizagem da língua. Desta experiência escrevi um livrinho, para que se pudesse ajudar a compreender o mundo indígena no Rio Grande do Sul: *O índio no Rio Grande do Sul - quem foi, quem é, o que esper*), texto preparado pela Coordenação de Pastoral Indígena Interdiocesano Norte, RS., Frederico Westphalen, 1984, 31 páginas. Minha intenção era ressaltar que os padres precisam atender e entender essa população, que é tida como tão marginal. Mais especificamente, atendê-los. Se o indígena vem pedir batismo, é bom batizá-lo. Eu mesmo realizei alguns batismos, mas procurando que fossem registrados com seu nome indígena. Estas pessoas merecem uma sincera atenção”. In MALINOWSKI, M. I. e BAPTISTA, S. *Bartomeu Meliá Jesuíta, Linguísta e Antropólogo: Os Guarani como Compromisso de Vida* ENTREVISTA. Antropologia 64. UFPR. Disponível em <http://revistas.ufpr.br/campos%20/article/%20view%20File/%201641/1383>

fortes, em qualquer uma das culturas não contatadas, *puras*, elas têm a sua religiosidade. Era aquela história de dizer que casamento de Kaingáng não é casamento porque eles fazem de uma determinada forma. O casamento do Guarani não é válido porque eles falam para os “pajés”, se “juntam” e etc. Não é casamento no sentido de nossa religião, assim como não há família dito pelos civilizados, mas ela é bem estruturada. E eu pergunto: dentro da estrutura do Kaingáng há até pena de morte por adultério, vai me dizer que não há família estruturada?

Breno A. Sponchiado – Falaste de “raça pura”, sem o contato com outras raças. Hoje nós não podemos mais pensar isto do Kaingáng. Sabemos que o contato cultural o transformou e que hoje não existe mais um modelo do Kaingáng do passado. Em termos de religião foram diversas camadas sobrepostas: a missionária jesuíta, depois a religiosidade popular, com as devoções de santos; mais tarde vieram as “seitas” [igrejas pentecostais] que hoje estão dominando, além da original. Veja como formamos um mosaico na cabeça do índio. O que devemos fazer? Sonhar com o índio “bom selvagem”? Como tratar este problema? Colocar mais uma “teoria” em cima do índio?

Prof. Ítala – Quando falamos em “raça pura”, quis dizer o índio sem contato ainda. A gente vê nas fontes mais antigas que eles têm sua religiosidade. Isto eu notei principalmente entre os Guaranis. Quando comecei a trabalhar sobre o Guarani eu peguei justamente as “Cartas Anuas” onde mostravam o primeiro contato dos jesuítas com o índio e como ele demonstrava esta parte de religiosidade, que para o jesuíta era outro tipo de religião. Agora, quanto à pergunta de como atuar, eu não saberia te dizer, mas aí estaria o problema de criar um tipo de religião que viesse ao encontro dele, de reavaliar aqueles princípios. Realmente não existe o Kaingáng puro, mas ele não está tão miscigenado. O Kaingáng se mantém, mais ou menos integrado. Ele mantém o idioma, ele mantém certos valores da estrutura social deles, o casamento, dificilmente eles casam fora. É preciso resgatar certos valores, desde que eles não vão entrar em choque com a pureza de valores. Tu não vai admitir que ele seja antropófago porque isto não quer dizer dentro da situação atual. Eu acho que devemos procurar entender dentro da mentalidade desses grupos o que para eles é religião. Porque eles estão se deixando levar muito por estas “seitas”. Eles saem do Posto [Indígena] e vão para a Assembleia de Deus.